

# Origem da Companhia de Jesus

(Excerpto do «Papa Negro»)

## CAPITULO I

### A ABBADIA DE MONT-SERRAT

A acção que vamos descrever passou-se ha tres seculos e meio, remontando ao terrivel começo do seculo XVI e aos principios dessa luta religiosa que devia fazer correr rios de sangue em toda a Europa.

Mont-Serrat, aspera montanha que se ergue a 24 milhas de Barcelona, capital da provincia de Catalunha na Hespanha, deve seu nome aos romanos que assim a denominaram, em razão de seus flancos escarpados assemelhando-se aos dentes de uma serra.

No principio das conquistas dos Francos na Hespanha, e por tanto, no tempo de Carlos Magno, alguns monges fundaram a meio da encosta dessa montanha um mosteiro que se chamou «Abbadia de Mont-Serrat.»

Este mosteiro foi successivamente enriquecido pelos condes de Barcelona, de Catalunha, pelos reis de Aragão e outros da Hespanha á medida que os membros esparsos da nação se reuniam para formar um só estado.

Alguns boatos que corriam naquellas immedições, punham um tanto em duvida os sentimentos orthodoxos dos frades.

A versão porém que merecia mais credito, era a de que no convento de Mont-Serrat se tinham refugiado os ultimos Templarios, ordem militar e religiosa, fundada para defender o Santo Sepulcro, e que fôra destruida por Fellippe o Bello, rei de França, com o unico fim de se apropriar das suas immensas riquezas.

Fellippe o Bello tivera por cumplice naquelle sanguinolento roubo o papa Clemente VI, eleito expressamente para o auxiliar na punição desses infelizes Templarios, cuja maior culpa era serem riquissimos.

Assim, os Templarios accusados de *heresia* pelo pontifice, foram saqueados, presos, assassinados e o seu Grão-Mestre



Jaques de Molay foi queimado vivo. A' morte de Jaques de Molay e dos seus companheiros seguiu-se uma perseguição geral contra os Templarios, muitos dos quaes se refugiaram nos paizes de que eram naturaes.

Alguns destes acharam refugio entre os monges da abbadia de Mont-Serrat, já eivado, segundo se dizia, das mesmas *heresias*, tanto que muitas vezes tentou-se supprimil-os. Mas os monges, já pela riqueza, já pelos dominios que possuíam, eram poderosissimos, e estavam firmados na popularidade de que gozavam e recursos de que dispunham.

## CAPITULO II

### O PEREGRINO

Um homem ainda moço, apesar do rosto emmagrecido, parecendo ter mais idade do que tinha realmente, subia vagarosamente a encosta da montanha e dirigia-se para a abbadia.

Nenhuma pessoa que encontrava aquelle homem o saudava, ninguém lhe dirigia aquelle cordeal—Salve o Deus—que os hespanhóes dirigem a toda a gente que encontra nos caminhos, por mais humilde que seja a sua condição.

Todos os que encontravam o nosso personagem arredavam-se d'elle com visivel expressão de terror. Dir-se-hia que sobre aquelle desventurado pezava uma maldição qualquer, cujos terriveis effeitos todos procuravam evitar.

De certo não era por causa da sua figura. O desconhecido tinha uma nobre e bella estatura; de membros bem proporcionados, era porem muito magro por longos jejuns a que se impozera. Sob o humilde habito de peregrino adivinhava-se claramente o homem que usara com soberba desenvoltura as nobres vestes de cavalleiro. O nosso personagem coxeava um pouco da perna esquerda, mas não era por certo este o motivo por que causava tanta repugnancia aos outros peregrinos.

A causa do estranho effeito que produzia a apparencia do peregrino, devia ser a singular expressão que este tinha no olhar.

Na verdade, ao passo que os traços de sua physionomia eram bellos e regulares e exprimiam até certa nobreza, seus olhos tinham um fulgor sinistro que gelava o sangue de quem o encarava.

N'aquelle olhar penetrante e ameaçador, havia ao mesmo



tempo a expressão de um juiz inexoravel e de um condemnado sem esperança. Adivinhava-se n'aquelle fulgor uma severidade sem limites produzida por uma serie de tormentos sobrehumanos, experimentados sem duvida por um homem cuja durissima tempera d'animo o tornava mais apto do que qualquer outro para soffrer.

Ao chegar perto do mosteiro, o desconhecido parou e pareceu orientar-se. O muro que ficava á esquerda da grande porta tinha soffrido alguma alteração, pois que passou tres ou quatro vezes por ahi como si não pudesse acreditar no que estava vendo.

—A porta pequena era aqui ; lembro-me bem— murmurava o peregrino.

—Ter-me-hão os ferimentos perturbado a memoria ? ! Terão os meus irmãos dispersos abandonado a abbadia... ou deixar-se-hiam adormecer na antiga quietação ? !

E um suor frio inundou-lhe a fronte com aquelle pensamento que evidentemente significava para elle uma grande desgraça ; mas, de repente, soltou um grito de alegria, descobrindo a poucos passos do logar costumado aquillo que procurava. Uma grande estrella de madeira dourada erguia-se sobre a architrave de uma pequena porta, que na verdade não parecia merecer tão bello ornamento, visto estar occulta pelos ornamentos e florões massiços da fachada principal ; pela poeira e teias de aranha tinha toda a apparencia de não servir havia muito tempo.

Comtudo, observando-se bem aquella especie de abandono, era facil reconhecer que ali devia haver algum mysterio, porque, apesar de todas as precauções na ostentação d'esse abandono, as dobradiças estavam bem untadas de oleo e reluzentes.

O peregrino esperou que o sol se tivesse escondido de todo e que a esplanada do mosteiro estivesse deserta ; depois approximou-se da pequena porta e, ajoelhando-se no limiar, disse em voz alta :

— Procurei a luz, encontrei as trevas. Bati, e a porta estava fechada. Piedade para mim !

A pequena porta gyrou sem ruido nos gonzos e deixou patente a entrada de um escuro corredor. O peregrino, sem mostrar a minima surpresa, escoou-se pelo corredor, e a porta fechou-se immediatamente. Elle deu alguns passos incertos como quem não sabia o terreno que pizava, porque a mudança que observara na porta indicava que o logar mysterioso tinha sido mudado para outra parte do mosteiro.

Pouco tempo durou a sua incerteza.



Sentio apoiar-se com força nos seus hombros mão estranha e uma voz murmurar-lhe ao ouvido :

— Sabes que o caminho que segues póde conduzir-te á morte ?

— Sou um chefe — respondeu elle com um accento de plena tranquillidade.

— Um chefe ? !... E que prova me apresentas para mostrares que o és ?

— A imagem d'Aquella que foi circumdada pelas imagens dos homens.

— A grande medalha !... exclamou a voz em que se revelava um mixto de espanto e de respeito,

— A grande medalha, a dos sete luminares da Ordem, replicou severamente o peregrino. Vamos, irmão, este caminhar nas trévas deve durar ainda muito tempo ?

— Isso acabou, mestre — respondeu a voz. — Estes mysterios não se fizeram para quem conhece os outros.

Brilhou então uma luz viva na extremidade do corredor e o peregrino caminhou com passo firme adiante do seu novo companheiro, que era uma especie de monge, de cabeça coberta por um capuz que apenas lhe deixava ver os olhos.

Seguindo aquelle corredor, os dous homens chegaram, por uma rampa quasi insensivel, ao centro de um subterraneo que correspondia ao altar-mór da egreja de Mont-Serrat. As numerosas grutas que haviam na montanha tinham facilitado aos frades o meio de tornarem impenetraveis os seus escondrijos.

Em volta da ampla sala, e ao longo das paredes em semi-circulo estavam sentados uns cincoenta frades. Na frente daquelle semi-circulo elevava-se um estrado onde estavam collocadas, em linha, sete cadeiras. Seis destas estavam occupadas, a setima estava devoluta.

Ao entrarem na sala o peregrino e o seu guia, todos se voltaram para a porta e grande foi o espanto geral, ao verem que o desconhecido em vez de esperar humildemente á porta que lhe fosse concedido o ingresso, se dirigia directamente, sem a minima hesitação, para a bancada destinada aos chefes da reunião.

— Fóra !... Fóra ! — gritaram de muitos lados.

Alguns levantaram-se e chegaram a levar a mão ás espadas que se desenhavam sob as tunicas negras, mas o peregrino, impavido, proseguio no seu caminho e chegou ao estrado onde estavam sentados os chefes. Esses ergueram-se movidos por um impulso unanime para embargarem o passo ao recém-vindo.

O peregrino parou ; tirou do peito uma medalha e mos-



trou-a aos seis. Um grito de espanto e alegria sahio daquelles seis peitos ; e depois, com demonstrações inequívocas de respeito e afeição, conduziram o peregrino á setima cadeira que estava vaga.

Pela multidão corriam vozes de surpresa e espanto.

— O setimo chefe !

— Aquelle que nós julgavamos morto !

— O mais audaz !

— O mais forte de todos !

— Agora os Templarios caminharão avante ! O nucleo das suas forças revigorou-se !

Entretanto, um dos sete, o que estava no meio e que parecia ter a presidencia, levantou-se e disse :

— Irmãos, as portas estão bem guardadas ?

— Sim — responderam das quatro portas da sala, quatro homens que de espada na mão guardavam as entradas.

— Ha entre nós algum desconhecido ? algum de quem o sagrado nomeador não saiba o nome ? Poderemos nós ter receio de sermos trahidos ?

Um dos frades levantou-se e caminhou até o meio da sala :

— A todos conheço e affianço — disse elle — excepto ao desconhecido que está sentado ao teu lado.

O presidente ergueu a mão, como para dizer que sabia de quem se tratava e proseguio assim :

— Se entre nós ha algum timido ou medroso ; se aqui ha alguem que não tenha a coragem de assistir aos terriveis mysterios da nossa Ordem, esse que jure guardar silencio e que se retire. Mais tarde não lhe seria isso permittido e a covardia ou a traição seriam punidas com a morte.

Ninguém se moveu... Todos os individuos ali reunidos eram de rija tempera e de fé inquebrantavel.

— Agora que estamos aqui todos experimentados e invenciveis na nossa fé — concluiu elle — é tempo de descobrirmos e nos vermos abertamente.

— Senhores, está aberta a sessão dos Cavalleiros Templarios !...

*(Continúa).*

M. C. MENEZES DE MACEDO, 33.º.

(Membr.º extr.º do Supr.º Cons.º.)

---



A nossa indiferença diante de taes factos será um crime.

A nossa actividade deve ser ahi exercida com o maior empenho, porquanto é esse o nosso dever.

Cumpramos, portanto, a nossa obrigação.

H. V.

---

## Origem da Companhia de Jesus

---

(Excerpto do «Papa Negro»

---

(Continuação do «Boletim» n. 11)

### CAPITULO III

#### A ASSEMBLÉA DOS TEMPLARIOS

A um signal do presidente os capuzes e as tunicas desapareceram como por encanto.

Viram-se então n'aquella sala homens de diversas idades, mas todos uniformemente cobertos de ricas armaduras de reluzente aço da idade media.

Na couraça de cada um brilhava a cruz de ouro, distinctivo da Ordem dos Templarios.

Eram elles, com effeito, os restos da poderosa associação que fizera tremer a Europa e que na opinião, do vulgo fôra destruida havia dous seculos.

A verdade porem era que os Templarios com aquella força invencivel que provem do segredo e das riquezas, tinham-se perpetuado obscuramente atravez dos seculos, vencendo perigos e tormentos, confiando em um futuro que, por muito distante teria feito desanimar outros que não fossem aquelles homens de ferro.



Quasi todos eram na sociedade de familia respeitavel, e muitos d'elles, quer pelo talento, quer pela espada, occupavam nas côrtes dos reis da Europa posições distinctissimas.

O nomeador, especie de secretario que tinha o resgistro, principiou a chamada :

—Alão de Beaumanoir !....

—Presente !... respondeu o ancião que presidia á assembléa, erguendo-se.

—Persy de Sussex !... proseguio o nomeador.

—Pedro Calderon ?...

—Francisco Burlamachi !...

—Ulrico Zuinglio !...

—Guarniero de Haszing !...

Todos respondiam á chamada, á medida que iam sendo pronunciados os nomes.

—Ignacio de Loyola !... chamou o nomeador.

—Presente—respondeu com voz solemne o peregrino que fôra o ultimo a chegar.

Os seis chefes dirigiram então o olhar para o lado daquelle seu companheiro, e só então repararam que elle era o unico que se conservava com as vestes andrajosas no meio d'aquella fulgida reunião, em que todos estavam com as suas brilhantes armaduras.

—Irmão, disse Beaumanoir, com accento de affectuosa deferencia—o teu disfarce, agora que estás comnosco, já de nada serve. Desde o dia em que nos deixastes, fazem agora tres annos, nós conservamos com reverente affecto a esplendida armadura, que para ti foi cinzelada pelo melhor artista de Toledo.

—Irmãos escudeiros... trouxe a armadura e vesti-a ao senhor de Loyola.

Dous dos irmãos levantaram-se e iam encaminhar-se para uma das portas, quando Ignacio de Loyola os deteve, dizendo :

—E' inutil. Estes andrajos que trago vestidos, já não são indício de pobreza ; um voto que fiz me obriga a trazel-os.

—Apezar d'isso... irmão Loyola...

—Apezar d'isso, irmão Beaumanoir, os estatutos da nossa Ordem conferem a qualquer irmão o direito de se vincular por qualquer voto, comtanto que este não seja contrario ao fim supremo da associação.



O tom em que Loyola pronunciou aquellas palavras era tal que não se podia insistir, sem entrar em questão com o estranho Templario, por isso Beaumanoir fez um signal e o nomeador continuou a chamada.

Debaixo d'aquellas abobadas resoaram então os nomes mais illustres da Europa.

Terminada a operação preliminar da chamada, o presidente Beaumanoir levantou-se outra vez e disse :

—Irmãos, mais de duzentas vezes tem havido esta reunião annual aqui, desde que os dous malditos,—papa Clemente VI e o rei Felippe o Bello—dispersaram os nossos irmãos e tentaram destruir a nossa Ordem..... Irmãos !.... si os prognosticos não mentem, si as promessas dos antigos e os preceitos da experiencia não são vãos, está proximo o grande dia da victoria. Irmãos, a Ordem vae resurgir.

Um murmurio de alegria ouviu-se em toda a assembléa : só Ignacio de Loyola desfranzio os labios n'um sorriso com uma expressão sarcastica ; mas aquella nota discordante passou despercebida em meio do enthusiasmo geral.

—Irmãos, nós que sômos os senhores do Templo, nós que temos amigos e partidarios por toda a parte ; nós que possuimos os thesouros arrancados pelos nossos antecessores á cobiça de Felippe o Bello e o temos multiplicado até o infinito no decurso dos seculos, unamos-nos todos e façamos resurgir a Ordem dos Templarios !

—Apoiado !... Apoiado !... gritaram de todos os lados.

—Não esqueçais que depois da desgraça de Jacques Molay a nossa Ordem não admittio mais nenhum mestre ; delegou todos os poderes no conselho dos sete, dos quaes o mais velho é o presidente ; e pelo triste privilegio da idade é a mim que presentemente cabe este logar :

—Temos combinado um plano desenvolvido em alguns capitulos que vos vão ser lidos.

Beaumanoir leu:

« A assembléa constituida para libertar a humanidade das cadeias dos padres e dos soberanos, compõe-se de tres classes.

« A primeira comprehende aquelles que se associam a esta Ordem com pureza de coração e firme intenção de se instruir nos mysterios da mesma, permanecerão ahi durante tres annos e dividir-se-hão em aprendizes e mestres.

« A segunda classe comprehenderá os irmãos que tiverem



chegado ao estado de executar, no mundo dos profanos, o que tiver sido deliberado pelo supremo conselho.

« A terceira classe finalmente compor-se-ha de um numero limitadissimo de iniciados nos terceiros mysterios; conhecendo as forças da Ordem, o seu fim principal, e os thesouros de que póde dispor; serão desligados de todos os laços, excepto dos que dizem respeito á Ordem.

« O Grão-Mestre será eleito entre os dignitarios da classe suprema.»

Esta divisão em classes permite utilizar as faculdades de cada um segundo os melhores interesses da Ordem; ao passo que a possibilidade da passagem de um grau para outro abre um vasto horisonte ás mais nobres ambições, e destroe a disposição aristocratica tão prejudicial á qualquer corporação instituida para governar os homens.

—Irmãos, continuou affectuosamente o Sr. Beaumanoir, o antigo Templo desmoronou-se; mas nós trabalharemos para edificar outro, e sem duvida havemos de conseguil-o. A obra que empreendemos, sendo uma reedificação, somos nós os pedreiros da humanidade. Temos pois deliberado chamar-nos *Pedreiros Livres*.

—Apoiado !... gritou quasi unanime a assembléa.

—Então a assembléa approva a deliberação dos Sete Chefes ? Então sois unanimes em approvar esta transformação ?

— Sim ! Sim !...

Uma voz potente dominou o tumulto e proferio estas palavras :

—Opponho-me eu...

—Quem ? indagou Beaumanoir.

—Eu, um dos sete Chefes ! eu Ignacio de Loyola.

Um longo fremito de surpresa percorreu toda aquella multidão.

Beaumanoir restabeleceu o silencio e voltando-se para Ignacio de Loyola, perguntou:

—Irmão, então tu és partidario da consagração do estado actual ? és tu... precisamente o mais emprehendedor de todos nós... és tu que te oppões aos nossos planos de reforma e sustentas as antigas ordens?

—Pelo contrario—disse Ignacio de Loyola—eu dezejo uma transformação muito mais vasta e completa do que a vossa; mas quero que ella se faça com outra intelligencia e segundo um plano já preparado e escripto por mim.



—E porque não fallaste das tuas intenções no conselho dos sete para tomarmos em consideração as tuas idéas?

—Tinha a certeza de que havieis de fazer-me opposição e por isso resolvi dirigir-me directamente á assembléa: Estou no meu direito.

—Falla então — disse Beaumanoir, conhecemos os teus direitos e respeitál-os-hemos, mas lembra-te também dos teus deveres, Ignacio de Loyola, porque senão...

O peregrino respondeu com um gesto altivo áquella ameaça, tirou de sob o habito algumas folhas de papel manuscripto, pôz-se de pé e começou.

## CAPITULO IV

### IGNACIO DE LOYOLA

«—Irmãos ! Bem sabeis a razão que me obrigou a abandonar o capitulo do Templo... Meu primo o duque de Najare grande de Hespanha, tinha-me chamado para servir sob a sua bandeira...

«Foi-me confiado o commando da praça de Pamplona, quando em 1521 Andréa de Foix atacou-a á frente de tropas francezas... fui ferido em uma perna e estive em tratamento durante longo tempo.

« Eu tinha, como bem sabeis, todos os predicados para ser bello e elegante ; imaginai por isso como eu ficaria, quando depois de horriveis soffrimentos eu soube que estava condemnado a ficar coxo toda a minha vida.

« Durante a minha doença li a *Vida de Jesus Christo* e a *Flos Sanctorum*, ao principio com repugnancia, depois com prazer, e afinal com enthusiasmo. Quando a minha perna ficou curada, outro era o estado do meu espirito ; eu já não era um galanteador vaidoso, um soldado sanguinario.

« Eu era um christão!...

Aquelle convertido não tinha mudado nada quanto ao fundo do coração. Era sempre o archanjo fulminado que levantava orgulhosamente a fronte para o ceu, vencido, mas não abatido pelo reino de Deus.

« ... Quando senti que a graça divina despertava em mim os sentimentos adormecidos — proseguiu o peregrino — voltei-



me para a Virgem, fiz voto de castidade e consagrei-me todo á milicia de Christo. Dirigi-me para Manresa onde encontrei uma gruta occulta, na qual fiz a minha habitação.

«Foi ahi que me appareceram os anjos do Senhor e me ensinaram a maneira de guiar os homens e de os conduzir á fé, á obediencia, e ao caminho do ceu. Com estes *Exercicios espirituaes* que escrevi, enquanto os anjos m'os dictavam, encontrei o modo de reduzir á submissão as almas mais rebeldes e de fazer com que ellas sejam nas mãos do seu director espiritual, como um cadaver nas mãos do cirurgião. »

Estas palavras resumiam em si a terrivel doutrina da Companhia de Jesus que Ignacio de Loyola devia fundar. *Perinde ac cadaver*.

Francisco Burlamachi, levantou-se com impaciencia e perguntou :

— Irmão, Deus muitas vezes tem permittido que os anjos do inferno venham tentar os homens ; quaes são as tuas conclusões ?...

«... Chego á conclusão, irmãos — disse Loyola depois de um curto silencio — Sim, eu vim aqui com um proposito formado ; é verdade que tambem desejo a transformação da nossa Ordem, mas n'um sentido muito diverso do que propõe o nosso querido Beaumanoir !... Tambem eu, meus irmãos, tenho notado o tumulto de idéas e o espirito de rebellião que agitam a Europa,

Este espirito de rebellião nós devemos abatel-o em vez de o favorecer ! A Ordem dos Templarios — exclamou Loyola — deve transformar-se, não na associação dos *Pedreiros livres*, mas sim na Companhia de Jesus !...

Estas palavras produziram um tumulto espantoso de indignação.

Francisco de Burlamachi, que havia já tempo se agitava com impaciencia, levantou-se e bradou :

— Irmãos — acabais de ouvir a proposta que vos foi feita : Isto é, a escravidão da humanidade ; nós escravos tambem ; convertidos em guardas desses escravos ; e todos de joelhos diante de um chefe supremo, de um chefe mysterioso, que do fundo de uma cella monacal imporia as suas vontades ! E é para isto que a Ordem se há de reconstituir ? !...

—... E foi para isto que destruimos nos nossos espiritos as superstições, e a ignorancia ? ! E havemos nos instruidos e elevados graças á sciencia, graças ás tradições confiadas á nossa



guarda levantarmo-nos para afinal ficarmos reduzidos a obedecer, inertes como cadáveres, ao signal de um só homem?!...

Um murmurio de approvação acolheu as animadas palavras do nobre Burlamachi.

— ... Eia pois — proseguiu elle — levantemo-nos, sim, mas para despedaçar os grilhões de todo o mundo impostos pelos tyrannos. Nós constituiremos a verdadeira aristocracia — a do bem fazer.

— ... Será d'entre nós que as cidades liberaes e as nações resuscitadas saberão eleger os seus regentes; nós reinaremos, não com as forças ephemeras do embrutecimento e da ignorancia, mas com as do reconhecimento e do affecto.

—...Irmãos! Em nome da fé que depositastes em nós, elegendo-nos para este supremo cargo, convido-vos a regeitar as propostas de Ignacio de Loyola, e a proclamar aqui nesta santa assembléa que a ordem do Templo se transforma na sociedade secreta dos *Pedreiros Livres*.

—Viva a Maçonaria!—gritou o principe de Condé, saudando com este nome francez, a origem de uma sociedade, que depois havia de ter tanta influencia sobre os destinos do mundo.

Quasi todos os presentes repetiram o grito de Condé; saudaram e acclamaram Burlamachi.

Beaumanoir, como presidente, usou então da palavra:

—Não nos esqueçamos, irmãos, de que n'este concilio todos somos livres. Ninguém é obrigado a acceitar uma mudança, que não seja approvada pelo seu pensamento e pela sua consciencia. Que respondeis a isto, irmão Ignacio de Loyola?

—Respondo — disse com altivez o peregrino — que estas decisões já não me dizem respeito. Fui irmão da Ordem do Templo, e observei fielmente os seus estatutos: agora que o Templo acabou, retiro-me da instituição que lhe succede; e, em face da Maçonaria, que acabais de proclamar, declaro instituida a Companhia de Jesus!

Este nome, que mais tarde devia tornar-se terrivel, repercutia sonoramente sob aquellas abobodas; tão forte e solemne fora a voz com que Loyola o pronunciára.

Ninguém—disse Beaumanoir — ninguém quer acompanhar o nosso irmão no caminho a que elle quer aventurar-se sózinho?...

Seis cavalheiros se levantaram, e foram collocar-se ao lado de Ignacio de Loyola, que os olhou com um ar triumphante.



—Somos sete—disse elle com um ar inspirado—Pois bem ! comvosco, primeiros irmãos, que acreditastes em mim, reparto eu o imperio do mundo. Somos bastantes para vencer ; e teriamos a certeza da victoria, si não tivéssemos de lutar contra os nossos antigos companheiros.

Entretanto, a voz de Benaumanoir pronunciava friamente os nomes dos que se tinham declarado pela proposta de Loyola.

Pedro Lefevre.

Francisco Saverio.

Jacopo Layner.

Affonso Salmeron.

Nicoláu Affonso.

Simão Rodrigues.

—E agora—disse Beaumanoir — agora que os dissidentes nos abandonaram, repitamos, irmãos, o juramento de ha pouco, e declaremos que a Ordem do Templo se transformou na associação dos—*Pedreiros Livres*.

Os cavalleiros presentes ergueram as mãos.

— Adeus, irmãos— disse Loyola. — Por muito tempo estivemos unidos e concordes ; agora estamos divididos em dous campos, que pugnarão com ferocidade um contra o outro.

Ignacio de Loyola e seus companheiros retiraram-se da sala.

Um momento depois, pela escarpada encosta de Mont Serrat caminhavam os sete homens que, conduzidos pelo genio de Ignacio de Loyola, deviam constituir a famosa Companhia de Jesus, cujos actos e tenebrosas tyrannias, haviam de causar assombro e terror ao mundo.

(*Continúa*).

M. C. MENEZES DE MACEDO 33.º.

Membro extranumerario de Supr.º. Cons.º.

---



Com a exposição dos Codigos estrangeiros que serviram de fonte ou de lição ao nosso, completaremos a demonstracção da nossa these.

MACEDO SOARES.

(Continúa.)

---

## Supressão da Companhia de Jesus em 1769

---

### EXCERPTO DO «PAPA NEGRO»

POR

ERNESTO MERZABOTTA

---

(Vide «Boletins» nos 11 e 12 de Fevereiro e Março de 1893)

---

.....  
.....  
(NOTA) Ignacio de Loyola instituidor da Ordem — *Companhia de Jesus* — dedicou-se completamente á propagação rapida e progresso da sua Ordem; escreveu varias obras sobre o catholicismo, como geral da mesma e morreu em 1556 extenuado pela fadiga e por sua propria austeridade.

Seus successores perverteram e comprometteram a primitiva instituição.

.....

### CAPITULO I

#### O GRANDE MARTYR

Estamos em meados do seculo XVIII, (no anno de 1773).

Aquelle nevoeiro de morte que começára no seculo XVI a invadir a igreja catholica tornou-se n'uma exaltação mephitica.

Uma serie de papas, uns tibios, outros vorazes e corruptos, acabou de destruir a grande instituição vencedora dos seculos.

Viram-se papas distribuir os thesouros da Igreja a mulheres como Olympia Pamphily a sobrinhos scelerados ou a filhos como Pierluigi Farnese; viram-se as forças e as ri-



quezas pontificias applicadas a fazer viver instituições hor-  
riveis, a subsidiar crimes que nem sequer tinham a idéa  
attenuante de um grande fim politico.

Dominava o Jesuitismo que tudo suffocava ou per-  
vertia.

Os jesuitas eram os principaes autores desta transfor-  
mação do pontificado. Elles tinham feito com que o padre  
deixasse de ser o medico das almas para se converter em  
um agente proveitoso de interesses mundanos.

Quando Pio V accendia aos olhos de Roma aterrorisada  
as fogueiras da inquisição; quando o terror, disfarçado  
em frade dominicano, impunha hypocritamente a ortho-  
doxia catholica, podia-se tremer, mas ninguem se ria.

Abalados todos os fundamentos do grande edificio ca-  
tholico não se effectuava na aristocracia do sangue e do  
dinheiro casamento algum sem a intervenção dos jesuitas;  
nenhum rico adormecia no somno eterno sem que um  
jesuita tivesse bom quinhão no seu testamento...

E assim a grande *Companhia de Jesus* augmentara em  
força e em poder. Poderia não haver mais catholicos, po-  
deria o mundo arder em chammass; emquanto houvesse no  
mundo ambiciosos, hypocritas e vis, o dominio da terra  
não podia fugir-lhe. ....

Mas havia já alguns annos que um sopro de nova vida  
parecia animar a Igreja catholica.

Em 1769 fôra elevado ao supremo cargo um cardeal de  
altissimo engenho e de character incorruptivel, Lourenço  
Ganganelli, nascido em 1705.

Ao ser eleito tomara elle o nome de Clemente XIV que  
será sempre bemdito atravez dos seculos.

Homem de grandes virtudes particulares, austero para  
comsigo e indulgente para com os outros, o seu olhar  
tinha já por mais de uma vez observado a corrupção e a  
ruina que naquelle tempo dominavam em todo o edificio  
da religião catholica.

Ao seu espirito apresentavam-se dous meios de restabe-  
lecer a antiga grandeza ecclesiastica.

O primeiro era o que tinha sido posto em pratica por  
Pio V e Gregorio XIII (seu antecessor) — o terror: augmen-  
tar a importancia e poder da Inquisição, mediante um



intimo accordo com o poder politico ; accender em todas as praças do mundo catholico as fogueiras para queimar os hereges ; pôr-se á frente da repressão, e como Gregorio cunhar medalhas triumphaes com a legenda — *Hugonorum strage*.

O outro meio era o que já havido sido indicado, cento e cincoenta annos antes, pelos padres do Concilio de Trento. Era necessario que os ecclesiasticos catholicos confundissem os seus inimigos dando-lhes o exemplo de todas as virtudes. Era necessario que o mundo reconhecesse a bondade da religião christã, não pela pressão do bispo ou pelo receio do algoz dominicano, mas sim pela santidade dos costumes e pelo heroismo da fé.

O primeiro alvitre era impossivel, porque os soberanos já se recusavam prestar o braço secular ás horriveis vinganças dos juizes tonsurados.

Um sopro de liberdade, a que então se chamava espirito philosophico, agitava todas as cortes.

Em França, o Parlamento, a que pertencia o ministro Choiseul, expulsára os jesuitas, como perigosos ao socego do reino e autores de conspirações contra a vida do rei.

Em Portugal, o marquez de Pombal preparava identicas medidas.

Em Toscana, Pedro Leopoldo preparava uma serie de medidas anti-jesuiticas, e uma ala de ministros intelligentes e liberaes, que fizeram sentir a influencia do pensamento moderno nas côrtes de Napoles e de Hespanha.

Nestas condições teria sido impossivel querer armar outra vez os patibulos e accender as fogueiras do tempo de Francisco I e de Sixto V, admittindo mesmo que o papa fosse capaz de preferir esses meios violentos.

Ao contrario disso, Clemente XIV, homem de espirito elevado e de character affavel, tinha outros planos.

A Curia e as ordens religiosas tinham prejudicado o prestigio da Igreja. Clemente XIV pensava em reformar a Curia, supprimindo sem o menor escrupulo, como plantas parasitas, todas as ordens religiosas que não fossem compatíveis com as idéas da época.

A ordem mais temida e naturalmente mais odiada então era a dos jesuitas. Havia dous seculos que ella formava



uma barreira insuperavel a qualquer reforma que implicasse progresso ou liberdade.

Os reis que acceitavam o seu dominio eram escravos da ordem; os que repelliam esse dominio, tornavam-se victimas.

Desde que Henrique IV, o rei liberal e querido do seu povo, fôra assassinado pelo agente da Companhia de Jesus, o celebre Ravailiac, nenhum soberano podia ter a certeza de que em caso de resistencia ás vontades da Companhia, o não esperasse um pouco de veneno ou uma punhalada.

Como consequencia logica, a guerra contra os jesuitas que antes estivera occultamente circumscripta aos pensadores, aos philosophos e á religião dos desherdados, tomou incremento e tornou-se geral nas côrtes catholicas.

Mas bem depressa se conheceu que o exilio e a perseguição não tinham corrigido os jesuitas. De Roma e dos seus conventos da provincia elles continuavam a urdir tramas, suscitando toda a sorte de embaraços aos soberanos e aos ministros que os tinham expulsado.

Isso levou os quatro governos da casa de Bourbon que reinava em Madrid, em Pariz, em Napoles e em Parma, a reunirem-se e a decidirem dar um golpe decisivo na Companhia, induzindo o Papa a decretar a suppressão da mesma.

E' precisamente entregue a esse trabalho que vamos encontrar Clamente XIV, o martyr, que pagou com a vida a suamagnanima ousadia.

*(Continua).*

M. C. MENEZES DE MACEDO 33.º.

Membro extranumerario de Supr.º. Cons.º.

---



# Supressão da Companhia de Jesus em 1769

## EXCERTO DO «PAPA NEGRO»

POR

ERNESTO MERZABOTTA

(*Continuação*)

### CAPITULO II

#### ROGOS E AMEAÇAS

Clémente assentado em uma modesta poltrona, examinava volumosos processos dirigidos de todas as partes do mundo.

A Diplomacia pontificia que até então estivera reduzida á nullidade, emquanto a direcção d'ella fôra confiada a ministros inhabeis, se reconstituiu rapidamente logo que o chefe da Igreja se encarregou pessoalmente dos negocios; porque os nuncios, os internuncios e outros representantes do Papa, habituados a ver todos os seus trabalhos contaminados pela terrivel influencia da Companhia de Jesus tinham cahido na indolencia e desidia.

Os mais espertos e velhacos juntavam aos escudos do Papa o subsidio secreto da Companhia de Jesus.

Lourenço Ganganelli, então Papa Clemente XIV, transformoutudo isso, substituindo semelhante pessoal. Tomára resolutamente o governo das relações exteriores e todo o expediente era por elle examinado. Como homem corajoso elle impuzera-se o sacrificio de arriscar a propria vida á causa que queria fazer triumphar, pois sabia dos perigos multiplices insistentes e mysteriosos que o rodeavam por todos os lados.

Entre esses processos achou uma carta, abriu-a, o semblante annuviou-se-lhe; era de um seu agente secreto em Lisboa prevenindo-o de que os amigos dos Jesuitas, que eram numerosissimos, estavam pondo em pratica toda a sorte de intrigas para combater o ministro marquez de Pombal.



Entre os recursos que empregavam com aquelle intuito, o mais terrivel, porque não havia meios de combatel-o, consistia em espalhar pela população ignorante das cidades e do campo, uma prophesia que predizia a morte de dous grandes perseguidores dos jesuitas.

Um d'elles — como do texto facilmente se deprenendia — era o marquez de Pombal; quanto ao outro, apesar dos rodeios das palavras, era evidente que a prophesia alludia ao proprio Papa.

Na carta recommendava-se ao Santo Padre que se precavesse de modo que a prophesia não se podesse realisar.

— Não ha duvida que elles preparam algum terrivel trama — disse o Papa com desalento — Meu Deus.... Vós bem sabeis que si ainda desejo viver, não é para mim.... mas sim para deixar alguma cousa melhorada á vossa attribulada Igreja.... Ainda assim, faça-se a vossa vontade, que não a minha !....

Naquelle momento, um porteiro annunciou :

— S. Ex. o Embaixador de Portugal !

E pouco depois apresentava-se ao pontifice o nobilissimo Visconde de Sacedra, par do reino de Portugal.

.....

— Vossa Santidade póde conceder-me uma audiencia breve, mas importantissima ?

— Sentai-vos, Visconde — disse o Papa. — Estamos sempre promptos para conferencia de qualquer especie, visto que não estamos em tempo de gosar doçuras do repouso.

— As palavras que tenho a dizer a Vossa Santidade — disse o embaixador — não são minhas, vem de Sua Magestade o Rei fidelissimo em pessoa....

... Sua magestade supplica-vos que tomeis uma resolução acerca da Companhia de Jesus ; a audacia dos rebeldes vai augmentando.... A vida do meu Rei e a propria vida de Vossa Santidade correm risco....

Clemente estremeceu ao ouvir aquellas palavras que correspondiam tão exactamente ás ameaças terriveis que lhe eram communicadas na carta que recebera de Lisbôa. Mas a sua physionomia conservou-se impassivel.

.....



— Sei qual é o meu dever, e conheço os perigos que me rodeam... Refletiu um instante; depois como homem que toma uma resolução repentina, com tom quasi imperioso, e apontando para uma porta lateral escondida por um pesado reposteiro disse:— Entrai para ali, senhor visconde, enquanto vou ter uma conferencia com uma pessoa sobre este assumpto.

.....

Pouco depois entrou o padre Ricci, geral dos Jesuitas. Era um homem de estatura elevada, magro, secco, com a vasta fronte desguarnecida de cabellos e olhos profundos e penetrantes.

— Padre Ricci — disse o Papa — recebestes o resumo que mandei entregar-vos, das accusações que de toda a parte se levantam contra a Companhia?— O que tem feito a Companhia para dar satisfação ás legitimas exigencias dos soberanos catholicos e ás minhas?

— Nada, beatissimo padre—respondeu com imperturbavel calma o Geral dos Jesuitas — a Companhia dá a todo o mundo o exemplo do respeito e do acatamento á Santa Sé. Que o Summo Pontifice faça um signal e todos os Jesuitas, desde o Geral até ao ultimo noviço, affrontarão o martyrio pela honra do Papado.

— E para o honrar — disse Clemente, começais por desobedecer ás suas ordens?!

— Nós cumprimol-as escrupulosamente; Vossa Santidade ordenava-nos que obtemperassemos aos abusos indicados nessas queixas; que déssemos de mão ás nossas miras ambiciosas; que expulsassemos d'entre nós os irmãos corrompidos, simoniacos, e concussores; que volvessemos para as cousas do céu a nossa actividade, em vez de applicarmos á satisfação de nossas ambições politicas...

— E então?

— Então, Santidade, não existem ambiciosos na Companhia de Jesus; não existem entre nós Jesuitas manchados das graves culpas que com toda a justiça o Summo Pontifice quer reprimir. Por isso, não tivemos occasião de castigar, porque não existiam taes culpados.

Clemente ficou estupefacto diante da audacia casuistica d'aquelle homem.



Negar as ambições politicas da Companhia que para conseguil-as não recuara perante o assassino de um rei como Henrique IV ; e que n'essa occasião estava fundando na America, á custa das corôas de Portugal e de Hespanha o imperio do Paraguay, era uma audacia de que só seria capaz um homem como o padre Ricci, Geral da Ordem.

— Mas as informações que eu tenho são differentes ; e, fundado n'ellas tomei acerca da Companhia as decisões que ides escrever...

— Mas... Vossa Santidade...

— Eu julgo como soberano e sem appellação — disse com altivez o Papa — desapareceu o momento de discutir ; agora chegou o de obedecer.

O geral sentou-se e o Papa dictou :

« São supprimidos os conventos dos Jesuitas em todos os  
« sitios onde o governo catholico do paiz o exigir por justos  
« motivos de interesse publico.

« Nos outros paizes o numero das casas professas e  
« dos noviciados será reduzido á metade;

« Será vedado aos Jesuitas receberem noviços de idade  
« inferior á 20 annos, quando tenham o consentimento dos  
« pais, e a 25 se faltar esse consentimento;

« Os Jesuitas estarão em todas as dioceses sujeitos á  
« auctoridade do Bispo; e deixarão de ter effeito todas as  
« dispensas e privilegios em contrario;

« E' concedido indulto pleno e inteiro aos governos que  
até hoje se tem apoderado dos bens dos Jesuitas, comtanto  
que o producto d'elles tenha sido applicado á obras de  
caridade e de religião.»

Ricci escreveu este fulminante decreto que n'um momento destruia a obra de dous seculos, sem que o seu rosto de marmore trahisse a menor commoção. Mas quando o Papa lhe ordenou que assignasse, o Geral ergueu-se:

—Vossa Santidade consinta que eu não assigne—disse elle pallido e com os dentes cerrados.

— Vós haveis de assignar, padre Ricci. O Geral da Ordem deve-me obediencia absoluta, segundo seu juramento, e vós sabeis as penas que se applicam aos perjuros.

—Eu já não sou Geral da Ordem. Queira Vossa San-



tidade acceitar a minha demissão e proceder á nomeação do meu successor.

—Tende cuidado, padre Ricci, lembrai-vos de que esta reforma, si fôr lealmente acceita, é a ultima esperança de salvação da Companhia.

—Os meus irmãos não acceitarão a salvação offerecida por tão alto preço. A Companhia de Jesus foi instituida por Ignacio de Loyola sobre as actuaes bases immutaveis; os Jesuitas não podem alteral-as sem faltarem ao seu dever. *Sint ut sunt, aut non sint* — ficam como estão ou deixam de existir.

— Pois bem, deixarão de existir — exclamou Clemente XIV no auge da indignação.

E correu para a meza onde estava já prompta a Bulla para a suppressão da Companhia de Jesus; maravilhoso documento de perspicacia, de logica, de verdadeiro sentimento chritão; formidavel libello contra os jesuitas, dirigido por um Papa a todo o orbe catholico !.....

...Clemente assentou-se e assignou na parte em branco do pergaminho.....

.....

Dada em Roma.....1773.....sob o annel do Pescador Clemente XIV papa.

.....

— Padre Ricci— disse elle depois com voz fremente — acceitei uma das vossas alternativas. Desde este momento fica supprimida a Companhia de Jesus.

O padre Ricci curvou-se, respeitosamente como si aquella declaração que convertia n'um simples frade o homem até então mais poderoso do que todos os Reis da terra não lhe causasse a minima impressão; cruzou os braços sobre o peito e sahiu prezo acompanhado por um guarda para a fortaleza de S. Angelo.

Depois, o papa continuando a conferencia com o embaixador de Portugal...

— Vedes esta Bulla, Visconde?...

— A Bulla para a suppressão dos Jesuitas!... o monumento que ha de eternisar o nome de Vossa Santidade!... O mundo inteiro ha de applaudir a vossa magnanima resolução !...



—Póde ser—disse Clemente XIV, sorrindo com melancolia, no entanto lembrai-vos bem e recordai-o quando chegar a occasião...

. . Assignando hoje este pergaminho (e poz a mão sobre a Bulla) eu firmei a minha sentença de morte.

E concentrou-se absorvido em profundos pensamentos....

(Continúa).

M. C. MENEZES DE MACEDO 33.º.

Membro extranum.º. do Supr.º. Cons.º.

---

## Sobre a Sociedade Maçonica em Pernambuco

POR FR. CANECA

(Continuação)

Depois de haver dito o que sabia das sociedades secretas de Pernambuco, extrahido do que hei lido e ouvido, devo desempenhar a palavra, que te dei, de fazer algumas reflexões sobre ellas. Dos assumptos, que tem chegado ás minhas mãos, o marquez de Caracioli é o que tem dito alguma couza em geral sobre as sociedades differentes no *Goso de si mesmo*. Não fallando este autor com a exactidão, que d'elle se esperava, ainda assim é menos escandaloso do que o charlatão do abbade Barruel nas suas *Memorias sobre o Jacobinismo*, nada obstante dizer o autor das *Reflexões sobre a conspiração de Lisboa de 1817*, que Barruel *melhor que ninguém profundou a historia de todas as seitas secretas*.

O voto deste escriptor é de nenhum peso; basta ler o que elle respondeu sobre a *Maçonaria* aos redactores do *Investigador Portuguez*, para se conhecer que é um visionario sem criterio nem tino; pois confunde o maçonismo com o Illuminismo.

Apresenta a *Weishupt* Spartacus supremo, legislador e chefe dos Illuminados, e de todos os Pedreiros Livres, e faz uma tal mixordia de bom e máo, falso e verdadeiro, causas e effeitos, que enjôa ao estomago mais forte.

Como é que podia Barruel profundar a historia de todas



# Supressão da Companhia de Jesus em 1769

## «EXCERPTO DO «PAPA NEGRO»

POR

ERNESTO MERZABOTTA

(Continuação)

### CAPITULO III E ULTIMO

#### A CRUCIFICAÇÃO DO JUSTO

A bulla publicada por Clemente XIV fôra a faísca que pôz em chamma o edificio loyolesco. A opinião publica, já muito hostil aos bons padres, accentuou-se ainda mais desde que a condemnação delles partia do mestre supremo da Igreja.

Os governos trataram logo de se aproveitar de um decreto, que não só perdoava os golpes vibrados contra os jesuitas, mas até os incluía no numero das obras meritorias feitas á Igreja.

Por toda a parte a formidavel Companhia foi dissolvida; os conventos foram supprimidos, os bens confiscados, e os religiosos de origem italiana enviados para a Italia.

Dos incidentes a que a supressão da Companhia deu lugar, os mais notaveis foram os que ocorreram na região do Paraguay.

Os jesuitas tinham criado ali as suas famosas *Reducções*, colonias de indigenas que elles tinham habituado a viver como os noviços de um convento. Uma disciplina de ferro curvava todas as cabeças ao arbitrio do cura jesuita; a Companhia concedia aos indigenas a permissão de elegerem d'entre elles um syndico; mas esta dignidade não livrava o magistrado côr de cobre, de ser açoitado, quando o reverendo julgasse isso necessario.

E de tal modo aquelles infelizes se tinham enbrutecido sob o azourrage dos jesuitas, que não havia povo mais facil de governar.

Esta degradação do espirito humano, esta submissão passiva que transformava um ser racional, n'uma especie



de animal inoffensivo e paciente, esta abdicção de toda a dignidade humana, esta sujeição ao castigo, constituíam o orgulho dos bons padres jesuitas.

Supprimidos os estabelecimentos jesuiticos no Paraguay o governo hespanhol mandou prender os padres e enviou-os para a Europa cuidadosamente vigiados.

As precauções tomadas para esse fim, indicavam que se sabia com que poder se tinha de lutar; porque se os jesuitas tivessem tido tempo de preparar a resistencia, as chammas da sublevação teriam eliminado horrores nas margens dos grandes rios da America Meridional. Na Europa os reis de Hespanha e de Portugal por ultimo envergonharam-se da degradação successiva dos seus subditos devida á prepotencia dos jesuitas.

Clemente XIV que num impeto de seu coração generoso expuzera a vida para libertar a humanidade de um vampiro insaciavel; pagou aquelle seu heroico commettimento. Assaltou-o uma doença mysteriosa, e o povo com o seu instincto infallivel não se enganava. O povo sabia de que molestia morria o infeliz Pontifice.

Clemente XIV morria envenenado em 1774.

Do fundo do seu carcere no Castello de S. Angelo, o padre Ricci dirigia a vingança; porque apesar de supprimida e dispersa, sem existencia official, os seus filiados enchiam os salões do Vaticano, rodeavam o martyr moribundo e misturavam-lhe o veneno na alimentação.

Os medicos tinham descoberto o envenenamento, mas terriveis ameaças obrigaram-n'os a calar-se.

A memoria do Papa foi dilacerada por calumnias sem conta, e os jesuitas, livres do seu grande inimigo, trataram de recommear a interrompida obra da conquista do mundo.

Lutaram occultamente com o furacão da ira popular que agitou as massas e deitou por terra os altares e os thronos quando rebentara a revolução franceza.

Uma associação menos firme teria desaparecido arrastado no vortice do furacão.

Entretanto o papa Pio VII, expulso pelas tropas de Napoleão, tendo voltado á Roma protegido pelas tropas austriacas, um dos seus primeiros actos foi restabelecer solememente em 1814 com todos os antigos privilegios a Companhia de Jesus.



De então para cá, todos os papas reconhecendo quanto é humilhante para elles e prejudicial para a Igreja a prepotencia de uma Ordem, aborrecida pelo mundo civilizado, sabem o risco que correm se tentarem reprimir os jesuitas.

E os dignos herdeiros e descendentes daquelle terrivel frade Agostinho Ricci, que morrendo matava o seu inimigo repetem a phrase do austero jesuita — *Sint ut sunt, aut non sint*.

Por isso, quando virmos o poder ecclesiastico lutar com pertinacia contra as necessidades das cousas, quando ouvirmos a um santo e justo sacerdote pronunciar palavras de ira e improprias de um sacerdote, não nos enganemos com o sentido de taes manifestações.

Não é a Igreja quem falla livremente em virtude da sua divina missão, são os temeratos ou subservientes que obedecem ás ordens severas e subversivas do Chefe dos Jesuitas, o Papa Negro.

M. C. MENEZES DE MACEDO 33.º.

Membro extranum.º do Supr.º Cons.º.

---

## Sobre a Sociedade Maçonica em Pernambuco

POR FR. CANECA

---

(Continuação)

Quantos maçons se não encontram no congresso soberano do Rio de Janeiro, e são patetas de nascimento?

E' desta maneira que se apresenta ao universo o celebre escriptor *Respondão*. Desta estofa são tambem os argumentos, que elle emprega para demonstrar a malignidade da *Maçonaria*, sua obra na revolução Franceza, e a sua influencia na conspiração de Lisboa.

Que patetão!

Voltando nos ao geral, diz o marquez de Caraccioli, tratando das differentes sociedades, que «o amor proprio, sempre habil em nos seduzir, imaginou sociedades diversas que cada um quiz abraçar para adquirir credito; que os